

Entre crise e euforia: práticas e políticas educativas no Brasil e em Portugal

Organizadores:
Benedita Portugal e Melo
Ana Matias Diogo
Manuela Ferreira
João Teixeira Lopes
Elias Evangelista Gomes

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ENTRE
CRISE E EUFORIA:
práticas e políticas
educativas no Brasil
e em Portugal

ENTRE CRISE E EUFORIA:

Práticas e políticas educativas no Brasil e em Portugal

Organizadores:

Benedita Portugal e Melo (IE-UL)

Ana Matias Diogo (UAc)

Manuela Ferreira (CIIE/FPCEUP)

João Teixeira Lopes (DS- FLUP e IS-UP)

Elias Evangelista Gomes (USP)

Comissão Científica Portuguesa:

Maria Manuel Vieira (ICS-UL)

José Resende (UENF)

Teresa Seabra (CIES-ISCTE-IUL)

Leonor Lima Torres (UM)

Sofia Marques da Silva (FPCE-UP)

Comissão Científica Brasileira:

Maria Alice Nogueira (UFMG)

Juarez Tarcísio Dayrell (UFMG)

Márcio da Costa (UFRJ)

Paulo César Carrano (UFF)

Lea Pinheiro Paixão (UFF)

Capa e Contracapa: Maria Teresa Verdier a partir de logomarca de Elias Evangelista Gomes

Composição: Maria Teresa Verdier

© 2014, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, Dezembro de 2014

ISBN: 978-989-8648-40-2

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Com o apoio de:



ENTRE CRISE E EUFORIA: práticas e políticas educativas no Brasil e em Portugal

(Orgs.)

Benedita Portugal e Melo

Ana Matias Diogo

Manuela Ferreira

João Teixeira Lopes

Elias Evangelista Gomes

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 11

**ENTRE ESCOLHAS, FORMAÇÕES E MANDATOS:
(RE)CONSTRUÇÕES DA PROFISSÃO DOCENTE** **1**

A ESCOLHA DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DA PROFISSÃO
DOCENTE NUM CENÁRIO DE DESVALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: 35
OS ESTUDANTES DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Cláudio Martins Marques Nogueira; Sandra Regina Dantas Flontino

RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, GOSTO POR CRIANÇA E MUDANÇA SOCIAL: 69
A ESCOLHA POR PEDAGOGIA
Adriane Knoblauch

LEITURA E ESCRITA DE PROFESSORES: SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS PROFISSIONAIS 93
Eliana Scaravelli Arnoldi; Belmira Oliveira Bueno

ENTRE A REAFIRMAÇÃO DA SUA MISSÃO SOCIAL E PÚBLICA E A DEFESA DE UM ESTATUTO 119
PROFISSIONAL CORPORATIVO? IMPACTOS DO GERENCIALISMO
NO PROFISSIONALISMO DOS PROFESSORES
Alan Stoleroff; Patrícia Santos

O MANDATO E A LICENÇA PROFISSIONAL À PROVA DAS MUTAÇÕES NO ESTATUTO DA 149
CARREIRA DOCENTE: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DO TRABALHO PROFESSORAL
José Manuel Resende; Luís Gouveia; David Beirante

VOZES DISSONANTES PRESENTES: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA REDE 171
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO ACERCA DAS POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO E
RESPONSABILIZAÇÃO
Diana Gomes da Silva Cerdeira; Aline Danielle Batista Borges; Andrea Baptista de Almeida

PROFISSIONALIZAÇÃO DOS PROFESSORES EM PORTUGAL: TENDÊNCIAS E ESPECIFICIDADES <i>Joana Campos</i>	197
(RE)COMPOSIÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR: O CONTEXTO PORTUGUÊS EM DESAFIO <i>Carolina Santos; Fátima Pereira; Amélia Lopes</i>	223
ENTRE O VIRTUAL E O PRESENCIAL. A FORMAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS PROFESSORES <i>Belmira Oliveira Bueno</i>	237

INFÂNCIA E JUVENTUDE: CULTURAS, EXPERIÊNCIAS E TRANSIÇÕES

2

PELAS BRECHAS: A CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS NUMA FRONTEIRA EM BELO HORIZONTE, BRASIL <i>Samy Lansky</i>	263
ENTRE AS CULTURAS ESCOLARES E AS CULTURAS INFANTIS: PEQUENA INFÂNCIA E PESQUISA <i>Maria Letícia Barros Pedrosa Nascimento</i>	285
OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR PARA JOVENS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO EM TRÊS ESCOLAS NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS <i>Vitor Schlickmann; Elizete Medianeira Tomazetti</i>	309
O ALUNO, ATOR PLURAL: DA ALIENAÇÃO ESCOLAR E DO CLIMA DE ESCOLAR <i>Conceição Alves-Pinto; Maria Manuela Teixeira</i>	345
A COMPOSIÇÃO DA FIGURA DOCENTE: ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS POR OUTROS OLHARES <i>Thiago Freires; Fátima Pereira; Carolina Santos</i>	375
JOVENS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E SEUS PROFESSORES: ASPECTOS DA INTERAÇÃO SOCIAL <i>Juar Cesar Oliveira Vasconcelos; Candido Alberto da Costa Gomes</i>	399

A MEIO CAMINHO DA UNIVERSIDADE... A INCLINAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR SEM OS SEUS MEIOS ADEQUADOS <i>Eduardo Vilar Bonaldi</i>	423
A FORMAÇÃO SUPERIOR EM PIANO EM DUAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA <i>Carla Silva Reis</i>	447
PORQUE ALGUNS ESTUDANTES SE TORNAM BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA? <i>Mariana Gadoni Canaan</i>	473
“MAIS EDUCAÇÃO MAS MENOS TRABALHO!”: OS JOVENS E A FRAGILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES LABORAIS <i>Ana Cristina Palos</i>	497
RELAÇÕES ENTRE POLÍTICAS DE ENSINO MÉDIO E SUSTENTABILIDADE RURAL NO SERTÃO SERGIPANO <i>Isabela Gonçalves de Menezes</i>	519
JUVENTUDE RURAL E TRANSNACIONALISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LOCAL DE ORIGEM DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS <i>Maria Zenaide Alves</i>	545
IDENTIDADE JUVENIL, TRANSIÇÃO PARA VIDA ADULTA E PROJETOS DE VIDA <i>Mariane Brito da Costa; Bruno da C. Ramos; Viviane Netto M. de Oliveira</i>	573

FAMÍLIAS, USOS DAS TIC E PAPEL DOS MEDIA NA EDUCAÇÃO

3

TIPOS DE PARTICIPAÇÃO PARENTAL NAS ESCOLAS UM OLHAR SOBRE AS ASSOCIAÇÕES E REPRESENTANTES DE PAIS <i>Eva Gonçalves; Susana Batista</i>	599
MOVIMENTO ASSOCIATIVO DE PAIS - A PARTICIPAÇÃO NAS ASSOCIAÇÕES E AS SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS <i>Isabel Maria Gomes de Oliveira; Maria Teresa Guimarães Medina</i>	625
REUNIÕES E ENCONTROS DE PAIS E PROFESSORES: INTERAÇÕES DESEJADAS E ALCANÇADAS? <i>Maria Luíza Canedo</i>	645

A FAMÍLIA E O FENÔMENO DO ABSENTEÍSMO DISCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELO HORIZONTE	671
<i>Roberta Andrade e Barros</i>	
O TRABALHO E A POLÍTICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: O CASO DE FAMÍLIAS DE TRABALHADORES	695
<i>Maria Gilvania Valdivino Silva</i>	
RELIGIÃO E EDUCAÇÃO EM DISPOSITIVOS EDUCATIVOS NÃO ESCOLARES: O ENSINO DOMÉSTICO EM PORTUGAL	721
<i>Álvaro Manuel Chaves Ribeiro</i>	
CRIANÇAS E TIC: UMA RELAÇÃO DESIGUALMENTE CONSTRUÍDA NA FAMÍLIA	743
<i>Pedro Silva; Ana Matias Diogo</i>	
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E EFEITOS NAS DINÂMICAS DE ATENÇÃO NA SALA DE AULA	773
<i>Nuno Miguel da Silva Melo Ferreira</i>	
ENTRE O MERCADO E O ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL: OPINIÕES DE JORNALISTAS SOBRE CONTROVÉRSIAS EM EDUCAÇÃO	793
<i>Rodrigo Pelegrini Ratier</i>	
A MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA	817
<i>Elias Evangelista Gomes</i>	

DESIGUALDADES EDUCACIONAIS: ESCOLAS, CONSTRUÇÃO DAS (IN)JUSTIÇAS E PROCURA DA QUALIDADE

4

O QUE NOS DIZEM AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS SOBRE AS OUTRAS DESIGUALDADES? UMA PERSPETIVA COMPARADA À ESCALA EUROPEIA	845
<i>Susana da Cruz Martins; Nuno Nunes; Rosário Mauritti; António Firmino da Costa</i>	
PRÁTICA DOCENTE E SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR PARA AS DIFERENÇAS: ESTRATÉGIAS DE TRANSFORMAÇÃO DA ORDEM DE GÊNERO E SEXUALIDADE	869
<i>Ana Paula Sefton</i>	
GESTÃO ESCOLAR E GÊNERO: O FENÓMENO DO GLASS CEILING NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	895
<i>Vanisse Simone Alves Corrêa</i>	

O DESEMPENHO ESCOLAR DE JOVENS PORTUGUESES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS, EM CONTEXTO RURAL E URBANO	919
<i>Carla Malafaia; Isabel Menezes; Tiago Neves</i>	
A DIFERENÇA QUE A ESCOLA PODE FAZER: ESTUDOS DE CASO EM ESCOLAS DO ENSINO BÁSICO DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA	947
<i>Teresa Seabra; Maria Manuel Vieira; Inês Baptista; Leonor Castro</i>	
EFEITO DAS ESCOLAS, CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E A COMPOSIÇÃO POR GÊNERO E RAÇA	975
<i>Flávia Pereira Xavier; Maria Teresa Gonzaga Alves</i>	
DISTRIBUIÇÃO DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: O PROGRAMA DE ESCOLHA DA ESCOLA PELA FAMÍLIA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO	1009
<i>Ana Lorena de Oliveira Bruel</i>	
INFLUÊNCIA DAS REDES RELIGIOSAS NO ACESSO E PERMANÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS COM BONS RESULTADOS ESCOLARES	1035
<i>Maria Elizabete Neves Ramos; Cynthia Paes de Carvalho</i>	
DESIGUALDADES, DIFERENÇA: O QUE É POSSÍVEL DIZER SOBRE A ESCOLA JUSTA?	1061
<i>Flávia Schilling</i>	
SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO: A BUSCA PELO RECONHECIMENTO E A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO	1081
<i>Maria da Graça Jacintho Setton</i>	
CONFIGURAÇÕES DA DISTINÇÃO ESCOLAR NOS PLANOS NACIONAL E INTERNACIONAL	1105
<i>Leonor Lima Torres; Maria Luísa Quaresma</i>	

POLÍTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO, COMPENSAÇÃO E AVALIAÇÃO

5

ATUAÇÃO EMPRESARIAL E RECONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	1135
<i>Erika Moreira Martins</i>	
EDUCAÇÃO - OU DE COMO ELA VEM SENDO TRANSFORMADA NUMA VENDA DE BENS FUTUROS	1155
<i>Joaquim António Almeida Martins dos Santos</i>	

PERCEPÇÕES SOBRE O CENÁRIO DE OFERTA DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: O QUE DIZEM OS DIRETORES ESCOLARES? <i>Luiz Carlos de Souza</i>	1181
FORMAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORES BRASILEIROS SOB OS INVARIANTES DO ESPAÇO SOCIAL: ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROEJA NO BRASIL <i>Céli Mariano Jorge; Jessika Matos Paes de Barros</i>	1207
“FORA DO LUGAR”! ANÁLISES SOBRE AS PERCEPÇÕES DA JUVENTUDE NEGRA EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NA EJA <i>Natalino Neves da Silva</i>	1233
EDUCAÇÃO PRIORITÁRIA EM PORTUGAL E NO BRASIL: A DIFÍCIL TAREFA DE PRIORIZAR EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE EDUCACIONAL <i>Ana Carolina Christouão; Rodrigo Castello Branco</i>	1255
O IMPACTO DO PROGRAMA TEIP NOS RESULTADOS DOS EXAMES NACIONAIS AO LONGO DE 12 ANOS <i>Hélder Nuno Ricardo Ferraz; Damiana Alexandra Pereira Enes; Tiago Guedes Barbosa do Nascimento Neves; Gil André da Silva Costa Nata</i>	1281
POLÍTICAS DE RESPONSABILIZAÇÃO ESCOLAR DE ALTA CONSEQUÊNCIA E PRÁTICAS ESCOLARES: ESTUDO EXPLORATÓRIO DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO <i>Mariane C. Koslinski; Karina Carrasqueira; Felipe Andrade; Carolina Portela; André Regis</i>	1309
NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE OS ORGANIZADORES DO LIVRO	1333

CRIANÇAS E TIC: UMA RELAÇÃO DESIGUALMENTE CONSTRUÍDA NA FAMÍLIA

*Pedro Silva*²⁶

*Ana Diogo*²⁷

Com a colaboração de:

*Conceição Coelho*²⁸

*Conceição Fernandes*²⁹

*Joana Viana*³⁰

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO,
NOVAS GERAÇÕES E PROCESSOS
DE REPRODUÇÃO SOCIAL

Há quem afirme que vivemos numa época de aceleração da história onde ciência e tecnologia se interpenetram cada

²⁶ Instituto Politécnico de Leiria e CIIE-Universidade do Porto, Portugal. Contato: psilva@ipleiria.pt

²⁷ Universidade dos Açores, Portugal. Contato: adiogo@uac.pt

²⁸ CIID-IPLeia e Agrupamento de Escolas Domingos Sequeira, Portugal. Contato: coelhofirst@gmail.com

²⁹ CIID-IPLeia e Agrupamento de Escolas Domingos Sequeira, Portugal. Contato: fernandes.mcn@gmail.com

³⁰ Universidade de Lisboa, Portugal. Contato: jviana@ulisboa.pt

vez mais (segundo alguns, correndo-se mesmo o risco de a tecnologia se impor à ciência). O certo é que, entre outras coisas, o papel desempenhado pelas chamadas tecnologias de informação e comunicação (TIC) se vem acentuando cada vez mais. Para Castells (2007), embora o conhecimento e a informação sejam importantes nas sociedades pré-industriais, a singularidade do modo de desenvolvimento informacional reside no facto da produção, processamento e transmissão de informação constituírem a principal base da produtividade, tornada possível através do desenvolvimento de TIC e impregnando o conjunto das relações e estruturas sociais.

Na sociedade da informação colocam-se, no entanto, múltiplos desafios que têm vindo a ser equacionados por parte de alguma literatura mais crítica (ver Lyon, 1992, por exemplo). Alguns destes desafios prendem-se com as desigualdades e relações de poder que estão subjacentes à utilização das novas tecnologias, fenómeno que tem assumido designações diferentes, como infoexclusão, divisão digital ou fosso digital. Estamos, assim, perante um tipo de clivagem que opõe os que têm e os que não têm acesso às tecnologias de informação. Pesquisas recentes têm vindo a tornar visíveis os contornos desta clivagem (Cardoso Costa & Conceição, Gomes, 2005; Cruz, 2008), que apontam para uma realidade

mais complexa e multifacetada. Assim, por um lado, Almeida, Delicado e Alves (2008) sugerem uma rápida disseminação no uso de computadores e da Internet entre as crianças e jovens em idade escolar, com algum esbatimento das desigualdades sociais entre si. Paralelamente, outros estudos mostram que em Portugal, apesar do número de crianças que usa computadores tender a aumentar, tem diminuído a vantagem que este grupo tinha sobre os adultos quanto ao uso da Internet, estando, agora, quase a par (EU Kids on-line, 2011; Ponte; Jorge; Simões & Cardoso, 2012). Rodrigues & Mata (2003) notam, ainda, que a utilização das TIC apresenta uma correlação mais forte com o nível de escolaridade do que com a idade, contrariando a ideia de um fosso geracional.

As crianças e os jovens têm constituído, contudo, um dos principais alvos dos investimentos públicos e privados realizados ao nível da difusão das TIC. Nesse sentido, através de diversas medidas políticas, como sucedeu mais recentemente com o programa e.escolinha em Portugal, o Estado tem procurado promover o acesso a estas tecnologias nas escolas. Também as próprias famílias têm crescentemente vindo a investir em novas tecnologias (INE, 2009), particularmente, as famílias com filhos em idade escolar (Rodrigues & Mata, 2003). A educação escolar dos filhos surge

para as famílias como o principal motivo de aquisição de computador e respetiva ligação à Internet, como salientam Rodrigues e Mata (2003). Por esta mesma razão, as famílias com filhos dependentes evidenciam-se como as que mais têm computador face àquelas sem filhos dependentes (Almeida *et al.*, 2008).

No entanto, nem todas as famílias se revelam igualmente apetrechadas para realizar as suas apostas no “jogo” do investimento escolar, notando-se desigualdades no modo como se mobilizam na escolaridade dos filhos em função da clivagem sociológica que perpassa pela relação escola-família, nomeadamente em termos de classe social e de género (Diogo, 2008; Diogo & Silva, 2010; Silva, 2003). No que envolve a utilização das TIC, alguma investigação realizada sobre a realidade portuguesa tem apurado que são sobretudo as crianças e os jovens dos grupos socialmente mais favorecidos que tiram maior partido, na medida em que tendem a ter mais frequentemente acesso a computadores e à internet, assim como a apresentar um uso mais educacional, moldado pelos pais (Almeida *et al.*, 2008; Ponte, 2011).

Estes estudos têm vindo, assim, a apontar para a importância de levar em consideração o papel desempenhado pelos pais, enquanto agentes de socialização, quando se

procura conhecer os usos das TIC pelas novas gerações. Deste modo, têm também contribuído para desconstruir algumas ideias presentes numa literatura de pendor mais apologético sobre as TIC que surge vertida em conceitos como os de "geração digital" ou de "nativos digitais": apesar dos mais jovens serem maiores utilizadores das novas tecnologias, não se verifica homogeneidade nas suas práticas digitais e, por outro lado, o sentido das transmissões geracionais, neste capítulo, nem sempre se faz de filhos para pais (retrossocialização), sendo, em alguns casos, os pais os agentes de socialização (Almeida *et al.*, 2008; Ponte, 2011).

Esta perspetiva vai ao encontro do que tem sido alertado pela crítica ao determinismo tecnológico de algumas teorias da sociedade da informação: as tecnologias não têm vida própria e, por conseguinte, não produzem, por si próprias, as novas formas de relação social características da nova era digital, sendo necessário situá-las nos contextos sociais em que se desenvolvem (Lyon, 1992).

É neste sentido que importa aprofundar o conhecimento sobre os processos através dos quais é construída a relação das crianças com as novas tecnologias, a partir dos contextos em que esses processos ocorrem, designadamente do contexto familiar, enquanto contexto de socialização. Para o efeito,

retomamos o conceito de coordenação de Kellerhals e Montandon (1991), que o definem como a forma como um agente de socialização, nomeadamente a família, mediatiza as influências de outros agentes, considerando a missão que lhe atribui e a sua participação nesse processo. No que respeita à missão, as famílias podem diferir na forma como encaram o papel de determinado agente de socialização, considerando-o mais específico ou mais amplo. O uso do computador pela criança pode ser encarado pelos pais de uma forma mais técnica, como forma de promover a aprendizagem das tecnologias enquanto objetivo em si mesmo (“aprender a mexer em computadores”); pode ser visto como um instrumento para o trabalho escolar ou pode ser encarado essencialmente pelo seu papel educativo global. No que diz respeito à participação, as famílias podem acompanhar o uso que as crianças fazem dos computadores, orientando a utilização (tendo em vista a missão atribuída), apoiando e estabelecendo regras, ou delegar noutros.

Tal como o já clássico trabalho de Kellerhals e Montandon (1991) mostrou, a forma como cada família coordena os outros agentes de socialização constitui uma dimensão essencial do processo educativo das crianças no contexto familiar, o qual depende, em grande medida, quer

das lógicas de coesão familiar (modo de articulação entre os vários membros da família), quer dos recursos que as famílias dispõem. Estes dois aspetos não são, no entanto, independentes, verificando-se que a forma como a organização interna das famílias condiciona a educação familiar das crianças, exerce-se, sobretudo, dentro da norma cultural de cada meio social.

No presente texto procura-se analisar o modo como os usos das TIC, em geral, e no trabalho escolar, em particular, por parte das crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, são coordenados na família (definição de regras e acompanhamento dos usos) e como essa coordenação é realizada em função dos recursos possuídos (escolares e digitais) e das dinâmicas de organização interna das famílias (repartição do trabalho familiar). Procuramos, assim, perceber em que medida a construção da relação das crianças com as novas tecnologias é marcada por desigualdades externas (desigualdades sociais) e internas ao contexto familiar (desigualdades de género na repartição do trabalho familiar), assim como ambas se articulam.

SOBRE OS ESTUDOS DE CASO

As questões acima enunciadas serão equacionadas a partir de duas pesquisas - centradas nos efeitos escolares e sociais dos usos do computador Magalhães³¹, em casa e na escola, por parte de crianças e suas famílias - que foram conduzidas através de uma abordagem longitudinal (2009 a 2011), integrando uma componente extensiva - com recurso a inquéritos por questionário a professores (quatro questionários), pais (dois questionários) e alunos (dois questionários) - e outra intensiva (com recurso, especialmente, a entrevistas e à etnografia de uma turma selecionada em cada um dos dois territórios educativos).

No âmbito deste texto recorre-se a dados (1) do primeiro inquérito aos pais (INQP1), realizado no final do ano letivo 2009/10, e do segundo (INQP2), aplicado no final do ano letivo seguinte; e (2) das entrevistas aos pais realizadas em abril e maio de 2009.

³¹ Um portátil distribuído às crianças do 1º ciclo do ensino básico, gratuitamente ou com preços reduzidos para os pais, no âmbito do programa e.escolinha que decorreu entre 2007 e 2011, em Portugal.

As pesquisas foram desenvolvidas em dois conjuntos de estabelecimentos escolares públicos, um com sede na cidade de Leiria (Agrupamento de Escolas de Leiria) e o outro num conjunto de estabelecimentos escolares com sede na cidade de Ponta Delgada (Escola Básica Integrada de Ponta Delgada).

O Agrupamento de Escolas de Leiria (AE Leiria) é constituído por oito Jardins de Infância, dez Escolas Básicas do 1º Ciclo e uma Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos. O meio social das cinco freguesias abrangidas inclui um misto de influência urbana e peri-urbana e famílias com um leque variado de níveis de instrução e de profissões, de onde sobressai, contudo, um conjunto significativo de famílias da classe média. Frequentavam o AE Leiria, no ano letivo 2009/10, 1652 alunos, entre os quais 561 no 1º Ciclo. O número de professores colocados no Agrupamento era de 185, distribuídos pelos 4 níveis de ensino, sendo que 30 eram professores no 1º Ciclo.

A Escola Básica Integrada de Ponta Delgada (EBI Ponta Delgada) é composta por um total de sete estabelecimentos de ensino, cinco dos quais incluem o 1º Ciclo. Em 2009/10 possuía 204 docentes (79 do 1º Ciclo) e 1949 alunos (978 do 1º Ciclo). Os seus estabelecimentos localizam-se em freguesias urbanas e peri-urbanas de Ponta Delgada, acolhendo, na sua

globalidade, uma população discente socialmente heterogénea, embora com uma considerável presença de beneficiários da ação social escolar (58% no caso do 1º Ciclo, em 2008/09). Tal como em Leiria, regista-se uma significativa diversidade de profissões e níveis de instrução das famílias.

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM COMPUTADORES, COORDENAÇÃO FAMILIAR E DESIGUALDADES SOCIAIS

Apesar de as crianças abrangidas nos dois estudos se situarem numa faixa etária baixa (em média com 8,7 anos em Ponta Delgada e 8,6 em Leiria, no ano letivo 2009/10), estando no início da sua escolaridade (1º Ciclo do Ensino Básico) e, por outro lado, apresentarem uma considerável heterogeneidade social, o seu acesso a computadores no contexto familiar revelou-se bastante generalizado.

Este acesso democratizado deveu-se em alguma medida à distribuição do computador Magalhães, no âmbito do programa e.escolinha, que registou uma elevada adesão nas duas comunidades escolares: 80% em 2008/2009, 89% em

2009/10 e 93% em 2010/2011, em Leiria;³² 92%, em Ponta Delgada.³³

A presença de outros computadores nos lares das crianças encontrava-se também bastante disseminada (84% em Ponta Delgada e 91% em Leiria, em 2009/10); contudo, apenas cerca de 2/3 das crianças usavam estes computadores (70% em Ponta Delgada e 63% em Leiria, 2009/10).³⁴ Contrariamente, o computador Magalhães era usado por 85% das crianças em Ponta Delgada e 84% em Leiria, em 2009/10 (INQP1). Em 2010/11 (INQP2), as percentagens eram de 77% e 85%, respetivamente, mostrando um decréscimo de uso deste portátil no caso de Ponta Delgada. O computador Magalhães teve a particularidade de constituir o primeiro computador pessoal de muitas crianças, permitindo um acesso e exploração individualizados e autónomos (Silva & Diogo, 2011).

O acesso generalizado a computadores, bem como o entusiasmo revelado pelas crianças por possuírem o seu

³² Dados da Direção do Agrupamento.

³³ Dados fornecidos pela Direção Regional da Educação e Formação (DREF) e pelo Conselho Executivo da EBI. Na Região Autónoma dos Açores existiu apenas uma fase de distribuição, tendo os equipamentos chegado à EBI Ponta Delgada no final do ano letivo 2008/09. Aquando da segunda fase de distribuição nacional, o programa e.escolinha foi cancelado na região.

³⁴ INQP1.

primeiro computador pessoal, não significa, no entanto, que a sua relação com as estas tecnologias seja uma experiência construída em igualdade de circunstâncias por todas.

De forma a encontrar as principais linhas que estruturam a relação das crianças com os computadores e identificar perfis de utilização, realizámos uma análise de correspondências múltiplas complementada com uma análise de clusters hierárquica,³⁵ abrangendo a totalidade de crianças³⁶. Os resultados da análise, apresentados mais detalhadamente noutra texto (Silva, Diogo, Gomes, Coelho, Fernandes & Viana, no prelo), permitiram identificar três grupos distintos no que respeita à relação com o computador Magalhães em casa (ver gráfico 1):

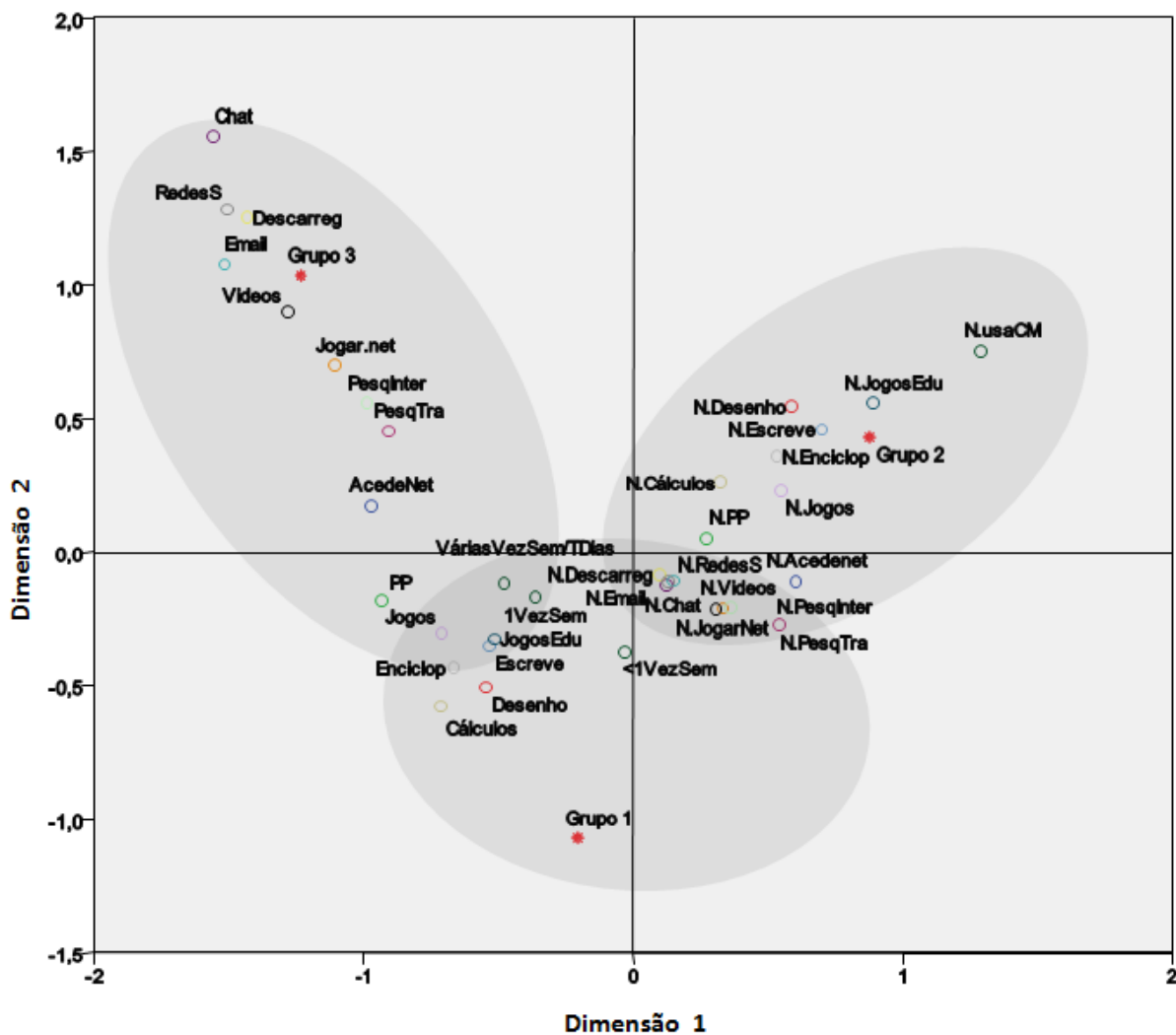
- Grupo 1 (38%): faz uma *exploração regular do computador Magalhães, mas apenas em modo offline*, desenvolvendo atividades, sem recorrer à internet, como desenhar, escrever, fazer cálculos, usar enciclopédia do computador Magalhães, fazer jogos educativos, fazer outros jogos, preparar apresentações, de forma regular.
- Grupo 2: (40%): concentra especialmente os que *não fazem qualquer tipo de uso* do computador Magalhães.

³⁵ Com recurso ao software SPSS (versão 17.0).

³⁶ Considerámos conjuntamente na mesma análise as respostas fornecidas pelos pais das crianças de ambos os estudos de caso, na medida em que os dois contextos têm revelado uma elevada semelhança no que respeita ao uso de computadores (Cf. Silva, Diogo, 2011).

- Grupo 3 (22%): distingue-se por um *uso polivalente do computador Magalhães*, desenvolvendo, além das atividades realizadas pelo grupo 1, utilizações que exigem o acesso à internet (pesquisar para trabalhos escolares, pesquisar assuntos que interessam às crianças; ver vídeos; jogar, trocar mensagens de email, comunicar por chat, participar em redes sociais; descarregar música, filmes, jogos...), com uma frequência de várias vezes por semana ou todos os dias.

Gráfico 1 - Perfis de utilização do computador Magalhães em casa pelas crianças (análise de clusters hierárquica).



Fonte: INQP2

Estes três perfis de uso do computador Magalhães traduzem diferenças mais profundas que envolvem a relação das crianças com os computadores, em geral, e com os seus contextos familiares. Os três grupos distinguem-se, assim, quanto ao uso de outros computadores, à pertença social (capital escolar dos pais) e à coordenação familiar dos usos dos computadores pelas crianças³⁷:

- O grupo 1 apresenta uma considerável heterogeneidade em relação ao uso de outros computadores e à sua pertença social, destacando-se os contextos familiares onde não se impõem regras de uso do computador Magalhães à criança (tempo e tipo de utilização), o que poderá ser justificado pelo facto destas crianças fazerem essencialmente uma *exploração offline do computador Magalhães*.

- O grupo 2, que se caracteriza por um *não uso do computador Magalhães*, destaca-se também por não ter acesso a outros computadores e à internet. Surge, por outro lado, mais associado a famílias com baixo capital escolar, não sendo, deste modo, de estranhar que se evidenciem também os pais com dificuldade para ajudar a criança a usar computadores e haja menor presença de casos em que os pais apoiam a

³⁷ Para mais detalhes consultar Silva, Diogo, Gomes, Coelho, Fernandes & Viana (no prelo). Baseamo-nos nas associações estatísticas com os três clusters identificados anteriormente, a partir dos resíduos ajustados estandardizados > 2 e < -2 , obtidos através de tabelas de contingência.

criança na realização dos TPC, quando estes são passados para serem feitos no portátil.

- O grupo 3, caracterizado por um *uso polivalente do computador Magalhães*, distingue-se por ter acesso também a outros computadores e à internet, pertencendo a famílias com capital escolar elevado, o que se traduz, ainda, numa sobre-representação de casos em que há maior facilidade para ajudar a criança a usar computadores e de pais que apoiam a criança na realização dos TPC com recurso ao portátil.

Os três grupos revelam perfis de utilização de computadores distintos, refletindo, antes de mais, desigualdades sociais de acesso a estes recursos. Não obstante medidas como a distribuição do computador Magalhães contribuírem para uma democratização desses acessos, constatámos, no âmbito dos dois estudos de caso, que as crianças dos meios mais desfavorecidos não só tinham menos possibilidade de usar outros computadores, como mais frequentemente deixavam de usar o próprio computador Magalhães por motivo de avaria (Diogo *et al.*, 2012). Além destas desigualdades de acesso, emergiram, como se constatou, outras dimensões de desigualdades na construção da relação das crianças com estes recursos, relativas ao capital cultural (escolar) dos pais e à forma como estes fazem a coordenação dos usos das crianças. Verificámos, assim, uma clivagem entre os contextos familiares com maior capital escolar - onde é manifesta a capacidade e a mobilização dos

pais para apoiarem os filhos no uso dos computadores, nomeadamente, para trabalho escolar, bem como para regularem esse uso - e os contextos familiares com baixos recursos educacionais, onde a capacidade e mobilização dos pais para apoiar e regular os usos se encontra muito menos presente.

Esta clivagem é bem evidenciada nas entrevistas realizadas aos pais. Os pais com maior capital escolar revelam nos seus discursos um elevado envolvimento na utilização do computador, bem como uma elevada confiança na capacidade para realizar esse envolvimento:

(...) o meu principal objetivo é fazer com que ele, para já, goste de mexer no computador e que tenha uma boa utilização do computador. Portanto, que se preocupe em utilizar o computador para... mais para pesquisa e para fazer alguns trabalhos e, portanto, nesse aspeto, eu posso ajudar sempre, portanto posso ajudar... Creio que posso ajudar em tudo praticamente. (Pai, Ensino Superior).

O que é que eu fui ver ao Magalhães? Olhe, eu pesquisei tudo, ver desde o que eram as restrições que se ia fazer, o que é que não, o que é que era a iniciativa, li a nível de várias coisas que podia ser útil para a escola. (Mãe, 12º ano).

Sim, no início, para explorarmos as funcionalidades que tinha, nomeadamente os jogos ou mesmo os programas de escrita, de imagem, aí sim, aí foi necessário, a primeira abordagem foi comigo, sem dúvida. (Pai, Ensino Superior).

Este tipo de discurso contrasta fortemente com o dos pais com baixo capital escolar. Trata-se de mães, com o 4º ou o 6º ano de escolaridade, que confessam o seu “fosso digital”, de tal modo que quando os filhos necessitam de ajuda com o computador têm de recorrer a um dos irmãos mais velhos:

P: Sente dificuldade em ajudar ou acha que isso não faz falta porque... R: Eles sabem mexer sozinhos. P: Eles sabem mexer sozinhos? R: Eles sabem mexer nos computadores sozinhos. P: E quando eles têm dúvidas? R: Eles pedem ao irmão. (...) Eles sabiam mexer melhor do que eu, que eu não sei mexer. (mãe, 4º ano).

Eu não percebo muito dessas coisas de computadores. (...) Não, não percebo nada de computadores, nunca usei. (mãe, 6º ano).

À semelhança de outros estudos (Almeida *et al.*, 2008; Ponte, 2011), os resultados encontrados confirmam o papel da coordenação familiar nos usos das novas tecnologias, por parte das crianças, e como essa coordenação é condicionada pelo capital escolar/cultural dos pais. A coordenação realizada pelos pais surge, assim, como um mecanismo através do qual o seu capital escolar/cultural atua sobre a relação das crianças com as TIC.

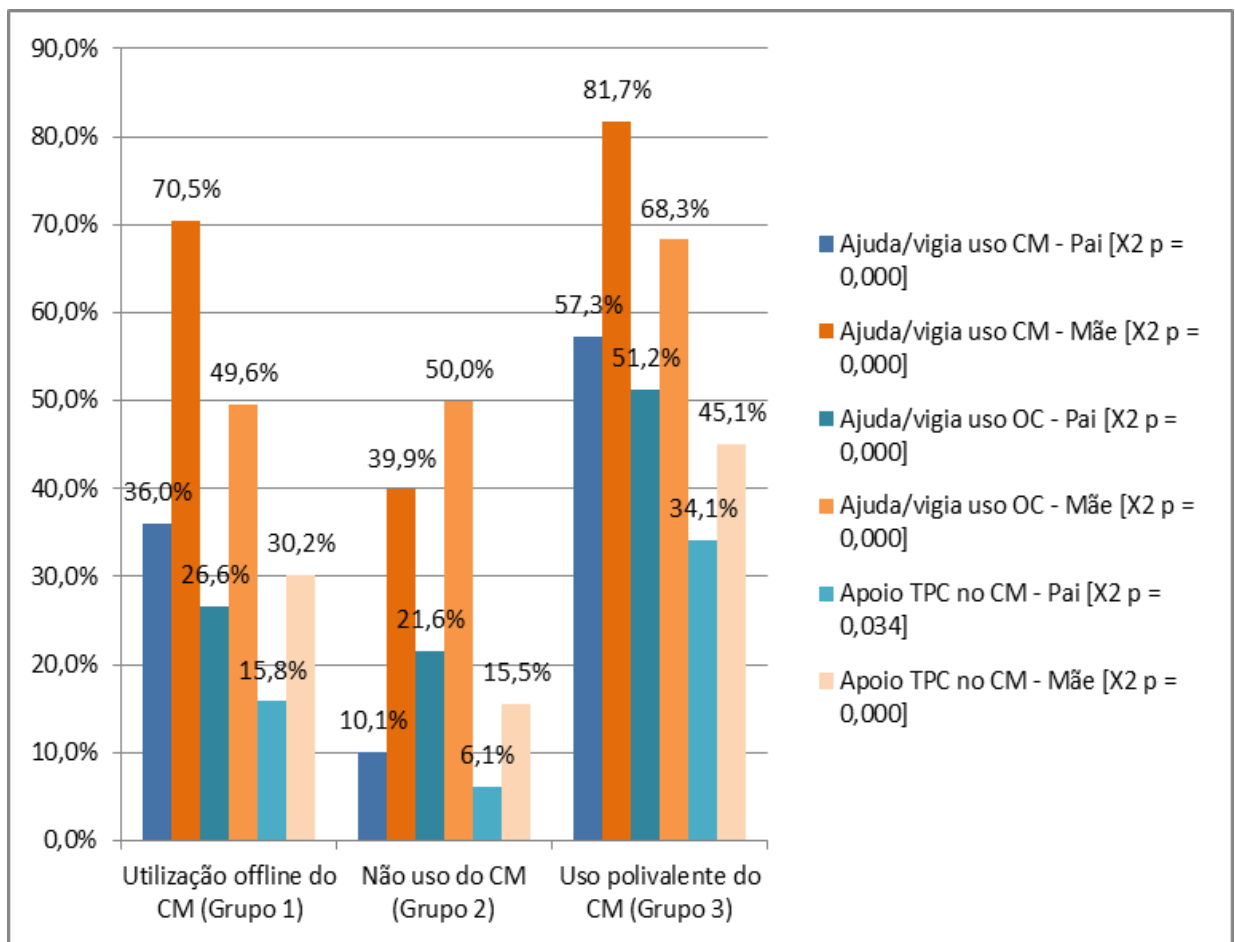
A DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE COORDENAÇÃO NO INTERIOR DA FAMÍLIA: VOLUNTARISMO DAS MÃES COM BAIXO CAPITAL ESCOLAR?

Procurando perscrutar mais de perto o trabalho de coordenação dos usos de computadores pelas crianças realizado na família, o gráfico 2 mostra como se distribui este esforço entre o pai e a mãe, considerando os dois membros da família que mais exercem este papel (Silva & Diogo, 2011). Podemos observar que a mãe evidencia sempre níveis de acompanhamento mais elevados do que o pai, nos três grupos, nos vários indicadores analisados: ajudar/vigiar o uso do computador Magalhães; ajudar/vigiar o uso de outros computadores; e apoiar os TPC no computador Magalhães. Assim, independentemente do perfil de utilização de computadores por parte das crianças, a mãe destaca-se como o principal agente de socialização, com o papel de acompanhar e regular essa utilização, indo ao encontro de outros estudos (Ponte, 2011). Este papel de coordenação dos usos de computadores pelos mais jovens parece, assim, incorporar-se no papel de educação, em geral (Wall & Guerreiro, 2005), e de acompanhamento da escolaridade dos filhos (Silva, 2003) assumido pelas mães, representando uma

extensão desse e sustentando-se numa divisão sexual tradicional do trabalho familiar.

Esta não deixa de constituir uma realidade com contornos paradoxais, no que respeita às relações de género, na medida em que, por um lado, as tecnologias (incluindo as designadas novas tecnologias) constituem um universo conotadamente masculino, e, por outro, a introdução das crianças ao novo mundo digital implica um trabalho que é assumido, na família, em maior medida pela mãe (Diogo, no prelo).

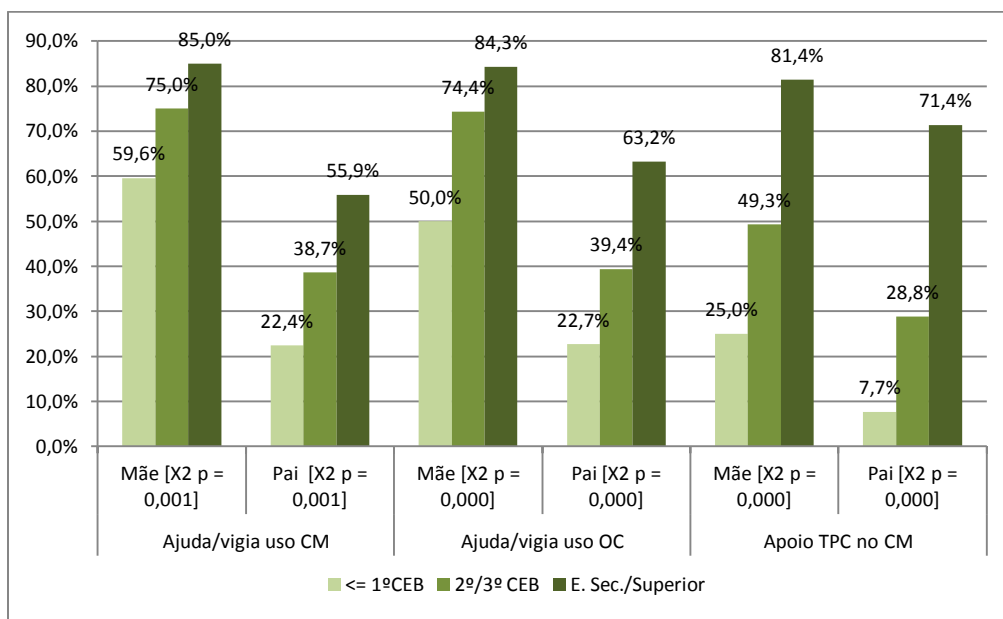
Gráfico 2 - Acompanhamento do uso de computadores pelo pai e pela mãe nos três grupos



Fonte: INQP2

Analisando o acompanhamento realizado pelo pai e pela mãe, em função do seu nível de instrução (gráfico 3), confirmamos, antes de mais, que o protagonismo da mãe na coordenação dos usos dos computadores surge em todos os meios sociais. Podemos verificar, além disso, se compararmos a diferenças entre o acompanhamento da mãe e do pai, por nível de instrução, que nos níveis de instrução mais elevados o acompanhamento do pai distancia-se menos do da mãe, do que nos níveis de instrução mais baixos. O papel da mãe (Diogo, no prelo) destaca-se, assim, especialmente quando o capital escolar é baixo, traduzindo um maior enraizamento de modelos tradicionais de divisão de papéis educativos nestes meios, em que a educação dos filhos está mais a seu cargo.

Gráfico 3 - Acompanhamento do uso de computadores pelo pai e pela mãe, por nível de instrução.

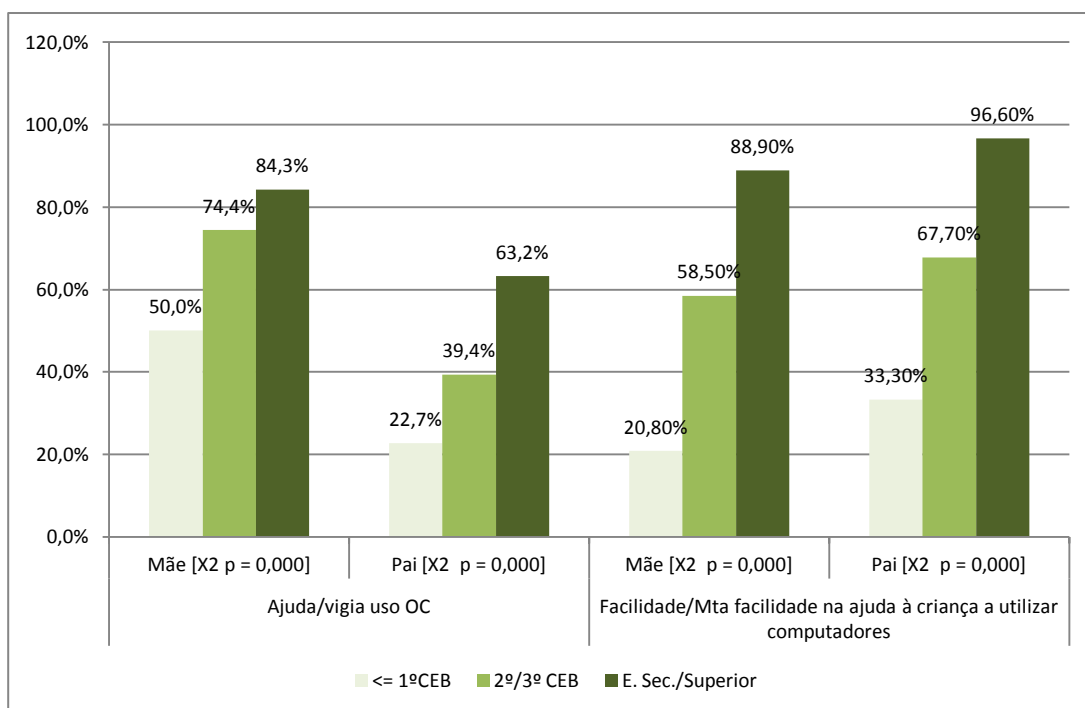


Fonte: INQP2

Este protagonismo das mães na coordenação dos usos dos computadores pelos filhos sucede apesar de se considerarem (ou serem consideradas) menos competentes para usarem computadores. O gráfico 4 permite comparar a percentagem de pais e de mães que ajudam e/ou vigiam o uso que os filhos fazem dos computadores com a percentagem dos que têm facilidade em fazer esse acompanhamento (segundo a percepção de quem respondeu ao inquérito aos pais, na maioria dos casos as próprias mães). Em todos os níveis de instrução a

quantidade de mães a fazer acompanhamento supera o dos pais, embora, no que respeita à facilidade de acompanhar, o pai apresente sempre valores mais elevados do que a mãe. A tendência é particularmente vincada, mais uma vez, quando o capital escolar é baixo: com o 1º Ciclo ou menos, 50% das mães acompanham os filhos, mas apenas 21% sentem facilidade em fazer este acompanhamento.

Gráfico 4 - Acompanhamento do uso de computadores e facilidade no acompanhamento (pai/mãe), por nível de instrução.



Fonte: INQP2

Estes dados remetem, pelo menos aparentemente, para o voluntarismo destas mães, apesar dos seus poucos recursos objetivos e subjetivos para apoiar os filhos. As entrevistas realizadas aos pais, como se deu conta, revelam, no entanto, uma mobilização substancialmente distinta em função do capital escolar detido, apontando para as limitações do voluntarismo destas mães e seus potenciais efeitos na construção da relação das crianças com as TIC.

SÍNTESE CONCLUSIVA

As crianças têm vindo a ser um alvo privilegiado nos investimentos públicos e privados em TIC, decorrente de crenças relativas à necessidade de promover a literacia digital das novas gerações, bem como ao papel destas tecnologias no trabalho escolar, estando na base dessas o pressuposto de que as tecnologias têm, por si, potencialidades para fazer emergir essa nova geração digital. De acordo com tal ótica, a mera presença destes equipamentos no quotidiano dos mais novos proporcionaria uma aprendizagem espontânea e sem esforço e, por conseguinte, uma automática integração na nova ordem social.

Numa abordagem crítica do impacto das tecnologias na construção da mudança social, tendo por base dois estudos de caso, procurámos analisar como as crianças, a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico, se relacionam com as novas tecnologias e como esta relação é construída no contexto familiar, enquanto contexto de socialização, através do modo como os pais exercem o seu trabalho de coordenação dos usos dessas tecnologias.

Embora situadas numa faixa etária baixa, a generalidade das crianças era utilizadora de computadores. No entanto, constatámos que, em convergência com outros estudos desenvolvidos com faixas etárias um pouco mais velhas, a relação estabelecida por estas crianças com os computadores no contexto familiar configura uma diversidade de perfis.

Os perfis evidenciados traduzem desigualdades de acesso às novas tecnologias, mas, além disso, outras dimensões de desigualdades relativas aos recursos e modo de organização interna dos contextos familiares. Desta forma, a introdução das crianças ao novo mundo digital implica uma capacidade e mobilização, por parte dos pais, para apoiarem e regularem o uso dos computadores, nomeadamente para trabalho escolar, que é bastante desigual em função do seu

capital escolar. Por outro lado, a coordenação dos usos das novas tecnologias traduz-se num esforço que surge desigualmente distribuído entre o pai e a mãe, refletindo o lugar que a educação dos filhos ocupa na repartição sexual do trabalho familiar, o que é especialmente vincado nos meios sociais mais desfavorecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. N., Delicado, A. & Alves, N. A. (2008). *Crianças e Internet: Usos e Representações, a Família e a Escola*. Lisboa: ICS. Consultado a 12 de abril de 2009 em http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/content/documents/relat_cr_int.pdf.
- Cardoso, G., Costa, A. F., Conceição, C. P. & Gomes, M. C. (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- Castells, M. (2007). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, J. (2008). *Evolução do fosso digital em Portugal 1997-2007: uma abordagem sociológica*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Diogo, A. M. (2008). *Investimentos das Famílias na Escola*. Oeiras: Celta Editora.
- Diogo, A. M. (no prelo). *As Mães no Uso das Novas Tecnologias pelas Crianças: Protagonismo Feminino num Universo Masculino? A Vez e a Voz da Mulher*. Lisboa: Edições Colibri.

- Diogo, A. M. & Silva, P. (2010). Escola, Família e Desigualdades: Articulações e Caminhos na Sociologia da Educação em Portugal. In Pedro Abrantes (Org.) *Tendências e Controvérsias em Sociologia da Educação* (pp. 51-80). Lisboa: Mundos Sociais.
- Diogo, A., Silva, P., Gomes, C., Coelho, C., Fernandes, C. & Viana, J. (2012). *Educação, Desigualdades Sociais e Usos do Computador Magalhães: Uma Pesquisa Comparativa*. In Atas do VII Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, Universidade do Porto. Consultado em http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/ finais/PAP0728_ed.pdf
- EU Kids Online (2012). Relatório de Investigação de 2011. Sumário Executivo em Português. Consultado em setembro de 2011 em <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>
- INE [Instituto Nacional de Estatística] (2009). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2009. Informação à comunicação social. Consultado a 6 de dezembro de 2009 em <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=990985>.
- Kellerhals, J. & Montandon, C. (1991). *Les Stratégies Educatives des Familles: Milieu social, Dynamique, Familiale et Education des Pré-Adolescents*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Lyon, D. (1992). *A Sociedade da Informação*. Oeiras: Celta.
- Ponte, C. (2011). Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 65, 31-50.
- Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. A. & Cardoso, D. (2012). *Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.
- Rodrigues, M. L. & Mata, J. (2003). A utilização de computador e da Internet pela população portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 161-178.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, P. & Diogo, A. (2011). Usos do Computador Magalhães entre a Escola e a Família: sobre a apropriação de uma política educativa em duas comunidades escolares. *Arquipélago - Ciências da Educação*, 12, 9-48.

Silva, P., Diogo, A., Gomes, C., Coelho, C., Fernandes, C. & Viana, J. (no prelo). Educação Escolar, Uso das TIC pelas Crianças e Mediação Familiar. In J. A. Palhares & A. J. Afonso (Orgs.), *O não-formal e o informal em educação: Centralidades e periferias. Atas do I colóquio internacional de Ciências Sociais da Educação / III Encontro de Sociologia da Educação*. Braga: Centro de Investigação em Educação / Universidade do Minho.

Wall, K. & Guerreiro, M. D. (2005). A Divisão Familiar do Trabalho. In K. Wall (Org.), *Famílias em Portugal: Percursos, Interações, Redes Sociais* (pp. 303-362). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.